



## **EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA EM UM ESCOLA ESTADUAL DE MACEIÓ: um relato de experiência**

Marcus Vinicius da Silva<sup>1</sup>

Eixo Temático: Práticas educativas e inclusão

### **RESUMO**

Alocado dentro das reflexões acerca das possibilidades democráticas de uma educação adaptada e inclusiva, este trabalho tem por objetivo trazer um relato de experiência vivenciada em uma escola estadual da periferia de Maceió, no desenrolar de sua práxis pedagógica para atividades adaptadas para alunos do ensino fundamental II com alguma deficiência motora, cognitiva. Por meio de observação empírica e o instrumento do questionário aplicado junto aos professores, a investigação levantou informações importantes acerca da dinâmica da instituição pedagógica. Como resultante da observação, desnudou-se questões como a falta de conhecimento dos professores acerca da particularidade das deficiências e carência da escola em atender a heterogeneidade do seu público, como também verificou-se tentativas por parte do profissional de propor atividades adaptadas. Por fim, esta observação permitiu uma mirada entre prática e teoria e deixou muito claro que a problemática de uma atividade adaptada jamais deverá ser silenciada nas práticas escolares, caso contrário, a Educação Física não poderá nunca se definir como um saber inclusivo rumo à uma sociedade mais democrática.

**Palavras-chaves:** Práticas Educativas, inclusão, autismo

### **INTRODUÇÃO**

A relevância deste relatório justifica-se pelo próprio processo de construção de um futuro professor de Educação Física, afinal, é através de uma dialética entre o conhecimento apreendido durante o curso da sua formação e o contexto social em que sua prática pedagógica desenrolar-se-á. Neste sentido, a experiência do estágio complementar de observação aparece

---

<sup>1</sup> Graduando em Educação Física pela UFAL. E-mail: mvinicius98@hotmail.com

como grande oportunidade para que o observador, na condição híbrida de aluno/futuro professor possa extrair reflexões que não vão abandoná-lo e que são inerentes ao seu trabalho.

Para uma introdução teórica ao problema da Educação física para alunos com deficiência, o texto de Eliane Mauerberg de Castro (2011) consiste em um sério trabalho acerca do problema, oferecendo-lhe subsídios teóricos, críticos e metodológicos. A autora não deixa de salientar o problemático contexto da educação corporal da sociedade contemporânea, marcada pela obesidade em diversos grupos etários, proporcionada pela vida sedentária e alimentação desregrada, evidentemente que as crianças pertencem a este contexto. Para Castro, faz-se essencial uma práxis pedagógica inclusiva que permita o desenvolvimento da criança com necessidades especiais. Os métodos têm como objetivo ensinar conteúdos de orientação competitiva, cooperativa ou individualizada, além de permitir um ensino das atividades elementares e básicas capacidades físicas. Castro também expõe as áreas do domínio educacional, a saber, I. Psicomotor; II. Afetivo e III. Cognitivo. Evidentemente que esses domínios fornecem uma mirada à análise do desenvolvimento educacional e que foi de suma importância para um entendimento holístico das questões implicadas na observação das aulas na instituição de ensino.

Para além dos trabalhos de Castro, buscou-se outras reflexões acerca do problema da especificidade da Educação física para uma cultura corporal de inclusão. Beltrame & Sampaio (2015) indicam a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no processo de iniciação ao esporte, práticas comuns no Ensino Fundamental I, da qual faz parte os alunos da Escola observada. “O esporte e o seu processo de iniciação”, afirmam os pesquisadores, “podem oportunizar um processo de democratização dos espaços oferecendo várias possibilidades para sua prática. Estudos apontam para benefícios da iniciação esportiva, mas também apontam riscos se afastada de uma base pedagógica que não valorize a participação de todos” (p. 378). Em um estudo publicado pela Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, Calixto Junior de Souza (2014) levanta o problema sob a relação adaptar/incluir no processo e insiste na importância da interdisciplinaridade enquanto vetor de um conhecimento aprofundado do processo escolar como também realça o papel de uma prática “crítica-conscientizadora” por partes dos agentes da educação que, para a observação da prática dos professores presente neste relatório, serão de grande relevância para analisar como os professores adaptaram suas atividades para incluir seus alunos portadores de deficiência motora e cognitiva.

Neste aspecto, o autismo é a deficiência mais recorrente entre os alunos, neste sentido, uma rápida revisão de literatura sobre o assunto fez-se necessária. O texto de Gracioli & Biachi (2014) permite um interessante intuito ao binômio autismo/inclusão, para as autoras o autismo é definido como: “Transtorno global do desenvolvimento que atinge os principais aspectos relacionais do indivíduo, podendo ser reconhecido pela seguinte tríade de comprometimento: comunicação, interação social e atividades restrito-repetitivas” (BIANCHI & GRACIOLI, 2014. p. 126) .

Alguns outros trabalhos acerca da relação entre educação escolar e autismo foram lidos para uma visão teórica menos limitada desta problemática, Ana Paula Vidotto Farinha (2014), em trabalho de conclusão de curso pela Universidade Tecnológica do Interior do Paraná chamado *Inclusão de autistas nas aulas de educação física*, nesta monografia de pouco menos de 40 páginas, a autora pensa as características, particularidade do autismo em seus desvios qualitativo de comunicação, socialização e imaginação, neste ponto, a autora defende um pensamento muito parecido ao de Gracioli & Biachi, como fora observado na citação acima. A monografia de Farinha (2014) insiste no princípio de adaptabilidade e inclusão que percorre todo o pensamento acerca da educação física para alunos com deficiência motora, cognitiva ou

de sociabilidade, questões que perpassam o comportamento de um autista. “A principal possibilidade para uma melhoria constante é uma maior consideração das suas singularidades e mais treinamento para profissionais para ajudá-los a entender seus estilos de aprendizagem” (FARINHA, 2014, p. 26). De fato, através deste rápido recorrido teórico, pode-se analisar, com o olhar teórico que respeite a especificidade do objeto deste relatório, como as reflexões próprias deste contexto escolar marcado pela multiplicidade de seu alunado. Ainda é preciso assinalar que as atividades observadas estão dentro do AEE que são inseridas no seio da escola e que buscam desenvolver métodos para uma aprendizagem lastreada pela inclusão de jovens com deficiência.

Neste sentido, o trabalho tem como objetivo relatar as experiências pedagógicas vivenciadas no contexto da instituição observada, demonstrando, por meio de um cotejo com a perspectiva teórica adotada no referencial acima, como a práxis da instituição utilizam ou não elementos próprios de uma cultura corporal inclusiva e adaptada às necessidades dos seus alunos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi de cunho qualitativo. As visitas foram realizadas teve, como instrumento de coletas de dados, o auxílio de um diário de campo, além de um questionário dirigido que inquiriu os profissionais da educação na instituição investigada pela pesquisa. As observações diariamente recolhidas eram colocadas em cotejo com o referencial teórico definido.

As observações foram obtidas entre a primeira semana de abril de 2017 e o dia 26 do mesmo mês, sendo examinadas 15 (quinze) aulas neste referido período, no turno matutino ou vespertino. Estas análises das aulas de dois professores e foram coordenadas pelos professores envolvidos, em suma, este auxílio dado por parte do corpo docente e dos demais funcionários permitiu a total liberdade por parte do observador.

Toda atividade foi desenvolvida pelo núcleo de Atendimento de Educação Especial (AEE) que tem o papel de auxiliar o corpo docente no que concerne aos alunos portadores de deficiência, o núcleo é coordenado por duas psicopedagogas, e duas professoras, encarregado do monitoramento dos alunos do período matinal. Os alunos frequentam o ensino fundamental I, entre o 2º e 5º ano e possuem idade entre 6 e 12 anos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta observação do estágio, foi possível perceber, com base na observação empírica e no referencial teórico utilizado, que os professores buscam alargar as possibilidades do alcance das suas sequências didáticas, apesar das dificuldades enfrentadas diariamente em um país cuja educacional sofre com problemas dramáticos. Ao fazer um cotejo com o pensamento articulado por Farinha (2014), é possível perceber que há uma falta de conhecimento, por parte da instituição, acerca das particularidades dos alunos, fato que não permite uma visão aprofundada das suas necessidades e obliteram a construção de uma cultura corporal inclusiva. Esta falta de informação e de conexão de saberes na articulação de uma prática pedagógica adaptada torna-se ainda mais problemática se for levado em conta a particularidade do Autismo, no que se refere aos problemas de convivência que está condição pode legar aos alunos com esta deficiência, conforme define Gracioli & Biachi (2014, p. 126). Esta falta de entendimento e de diagnóstico mais eficientes acerca das deficiências dos alunos não permite um processo, como aponta Calixto Junior de Souza (2014) de adaptação/inclusão e nem revela aquele crítica conscientizadora necessária à pedagogia inclusiva.

Durante todo o processo de observação, foi preciso observar alguns problemas como o pouco conhecimento dos professores em relação a deficiência dos alunos, quer dizer, a ausência de ferramentas de diagnóstico não permitiram uma mirada holística, justamente porque não consegue abarcar a questão com dispositivos; outra questão encontra é a falta de conexão entre o núcleo de AEE e o corpo docente, aliás, este problema apenas amplifica o impedimento citado anteriormente.

De maneira geral, através da leitura da literatura e da observação empírica, pode-se dizer – apesar da falta de diagnósticos melhor elaborados e ausência de conexão entre professores e a AEE – que há uma clara tendência dos professores em acompanhar as particularidades de cada um de seus alunos, através de uma prática de inclusão e adaptação; mesma tendência foi visualizada pela prática do núcleo de apoio, apesar da já citada falta de conexão entre ambos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência do estágio permite uma visão mais ampla das problemáticas enfrentadas por um professor de Educação Física; uma vez que esta prática está alçada entre os ensinamentos teóricos coletados e combinados ao longo do curso de Licenciatura e a observação das práticas pedagógicas de um educador da área. De fato, a prática do estágio e da observação empírica permite uma mirada para além do quadrante puramente acadêmico.

Por fim, esta observação permitiu uma mirada entre prática e teoria e deixou muito claro que a problemática de uma atividade adaptada jamais deverá ser silenciada nas práticas escolares, caso contrário, a Educação Física não poderá nunca se definir como um saber inclusivo rumo à uma sociedade mais democrática.

## REFERÊNCIAS

BELTRAME, A. L. N.; SAMPAIO, T. M. V. Atendimento especializado em esporte adaptado: discutindo a iniciação esportiva sob a ótica da inclusão. *Journal of Physical Education*, v. 26, n. 3, p. 377-388, 2015.

DE CASTRO, Eliane Mauerberg. Organizando a atividade física adaptada: programas e metas. In: \_\_\_\_\_, (org.). *Atividade física adaptada*. 2ª ed. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito, 2011. p. 333-367.

DE SOUZA, Calixto Souza Junior. Entre o adaptar e o incluir: uma abordagem interdisciplinar da disciplina de educação física adaptada. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, v. 15, n. 1, 2014.

FARINHA, Ana Vidotto. *Inclusão de autistas nas aulas de educação física: possibilidades pedagógicas que podem auxiliar em suas potencialidades*. 2014. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

GRACIOLI, M. M.; BIANCHI, R. C.. Educação do Autista no Ensino Regular: Um Desafio à Prática Pedagógica. *Nucleus*, v. 11, n. 2, p. 125-138, 2014.